

Misoginia e a Violência Contra a Mulher

José Antônio Trasferetti¹

Resumo: O artigo objetiva apresentar a realidade da violência contra a mulher, destacando o papel da cultura brasileira na produção dos papéis sociais que geram desigualdades e assimetrias de toda sorte. A violência tem sido uma prática que envolve todas as camadas da população e atinge inclusive a vida de todo ser vivo na face da terra. Trata-se de uma questão muito importante, pois está enraizada no estilo de vida e de educação que caracteriza a história da formação do Brasil. A Teologia Moral pode contribuir, por meio da educação e da prevenção, oferecendo critérios práticos para a formação da consciência dos agentes e instituições morais.

Palavras-chave: violência; educação; prevenção.

Abstract: This article strives to present the reality of violence against women, emphasizing the role of Brazilian culture in the production of the social roles that cause all sorts of inequalities and asymmetries. Violence has been a practice that encompasses all layers of population and reaches, also, all kinds of living beings on earth. It's a very important matter because it is embedded in the lifestyle and education that characterizes the historic formation of Brazil. Moral Theology

1. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma (1990), e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma (1994). Professor na PUC/Campinas. Atualmente é Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Teologia Moral - SBTM (2014/2020) e avaliador do INEP/MEC. Pároco da Paróquia de São Pedro Apóstolo, em Campinas.

can contribute, through education and prevention, offering practical criteria for conscience formation of agents and moral institutions

Keywords: violence; education; precention.

Introdução

Você aí, que correu pro gol pra chamar Neymar de menino e a moça de vagabunda, você está ajudando a difundir o que nós chamamos de cultura de estupro. Uma cultura que sempre culpa a vítima e que faz com que um grande número de mulheres não denuncie. Porque sabemos que o que está acontecendo com a moça que acusou Neymar acontece com todas as vítimas².

A violência contra as mulheres sempre foi marca dominante na cultura latino americana. Atualmente se visibiliza por meio dos meios de comunicação de massa de forma contínua, envolvendo pessoas ricas e famosas. Trata-se de uma questão que se faz presente em todas as camadas da população. Ela é antiga e atinge as mulheres de múltiplas formas. Está relacionada com a instabilidade emocional do mundo atual e das práticas de destruição do planeta em todas as suas manifestações. Envolve questões de economia, política, cultura, gênero, valores, comportamentos, palavras, olhares, e tantas outras. Trata-se de um cotidiano que mistura as questões de trabalho, vida familiar, afetividade, transporte coletivo, vida em sociedade. A violência contra as mulheres reflete o pecado individual, social, estrutural de forma singular e coletiva em relações assimétricas de poder. Estamos costumadamente habituados a viver numa cultura que estimula desde o nascimento até a morte uma educação desigual. Na verdade,

-
2. Dolores ARONOVICH AGUERO, “Pra você que correu pra linha do pênalti pra inocentar Neymar de estupro”, in *BLOG Escreva Lola Escreva (online)*, segunda-feira, 3 de junho de 2019, disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2019/06/pravocequecorreu-pra-linha-do.html>>, acesso em: 07 de agosto de 2019.

trata-se de uma violência que fere o corpo e alma em suas múltiplas formas de existência e manifestações sociais.

1. Violência: a mulher em foco

A *Lei Maria da Penha* (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006) classifica os tipos de abuso contra a mulher nas seguintes categorias: violência patrimonial, violência sexual, violência física, violência moral e violência psicológica³. Algumas formas de agressão são consideradas como violência doméstica no Brasil:

- a) Humilhar, xingar e diminuir a autoestima: Agressões como humilhação, desvalorização moral ou deboche público em relação à mulher constam como tipos de violência emocional;
- b) Tirar a liberdade de crença: Um homem não pode restringir a ação, a decisão ou a crença de uma mulher. Isso também é considerado como uma forma de violência psicológica;
- c) Fazer a mulher achar que está ficando louca: Há inclusive um nome para isso, o “gaslighting”. Uma forma de abuso mental que consiste em distorcer os fatos e omitir situações para deixar a vítima em dúvida sobre a sua memória e sanidade;
- d) Controlar e oprimir a mulher: Aqui o que conta é o comportamento obsessivo do homem sobre a mulher, como querer controlar o que ela faz, não deixá-la sair, isolar sua família e amigos ou procurar mensagens no celular ou e-mail;
- e) Expor a vida íntima: Falar sobre a vida do casal para outros é considerado uma forma de violência moral, como, por exemplo, vaziar fotos íntimas nas redes sociais como forma

3. Cf. BRASIL, *Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 - Lei Maria da Penha (online)*, art. 7, disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>, acesso em: 07 de agosto de 2019.

de vingança;

f) Atirar objetos, sacudir e apertar os braços: Nem toda violência física é o espancamento. São considerados também como abuso físico a tentativa de arremessar objetos, com a intenção de machucar, sacudir e segurar com força uma mulher;

g) Forçar atos sexuais desconfortáveis: Não é só forçar o sexo que consta como violência sexual. Obrigar a mulher a praticar atos sexuais que causam desconforto ou repulsa, como a realização de fetiches, também é violência;

h) Impedir a mulher de prevenir a gravidez ou obrigá-la a abortar: O ato de impedir uma mulher de usar métodos contraceptivos, como a pílula do dia seguinte ou o anticoncepcional, é considerado uma prática da violência sexual. Da mesma forma, obrigar uma mulher a abortar também é outra forma de abuso;

i) Controlar o dinheiro ou reter documentos: Se o homem tenta controlar, guardar ou tirar o dinheiro de uma mulher contra a sua vontade, assim como guardar documentos pessoais dela, isso é considerado uma forma de violência patrimonial;

j) Quebrar objetos da mulher: Outra forma de violência ao patrimônio da mulher é causar danos de propósito a objetos dela, ou objetos que ela goste⁴.

A Igreja, por meio de suas instituições sociais, vem possibilitando muitas reflexões que orientam no sentido de combater a violência. Ações práticas de educação, prevenção e atenção à comunidade têm sido desenvolvidas. São muitos os trabalhos que

4. MUNICÍPIO DE TABOÃO DA SERRA, *LEI N° 2273/2017 - Dispõe sobre a obrigatoriedade de afixação, no âmbito do, de avisos com o número do Disque Denúncia da Violência Contra a Mulher Disque 180 (online)*, art. 3, disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/t/taboao-da-serra/lei-ordinaria/2017/227/2273/lei-ordinaria-n-2273-2017-dispoe-sobre-a-obrigatoriedade-de-afixacao-no-ambito-do-municipio-de-taboao-da-serra-de-avisos-com-o-numero-do-disque-denuncia-da-violencia-contra-a-mulher-disque-180>>, acesso em: 07 de agosto de 2019.

a sociedade civil tem realizado para desconstruir as situações de violência e construir novos relacionamentos inspirados nos valores cristãos. A *Campanha da Fraternidade* do ano de 2018 revela dados sobre a violência contra a mulher que impressionam. Em seu número 83, afirma:

As vítimas de homicídio são, em maior parte, homens. Porém, entre 2001 e 2011, o aumento de assassinatos de homens foi de 8,1%, enquanto que os assassinatos de mulheres cresceram 17,2%. Portanto, o homicídio de mulheres passou, nesse período, por uma tendência de alta. Somente no ano de 2013, houve 4,8 homicídios por 100 mil mulheres. Tendo registrado naquele ano 4.762 homicídios de mulheres - 13 homicídios diários, em média -, o Brasil ocupa a quinta colocação em uma lista de 83 países. Ocorrem aqui 2,4 vezes mais homicídios de mulheres do que a média internacional⁵.

A violência adquire em muitas situações uma relação muito profunda com a condição racial. Mulheres negras são mais afetadas, pela sua condição de trabalho, de pobreza, fruto de uma cultura escravagista antiga e profunda⁶. Esta violência está arraigada na cultura brasileira e em sua condição social dada pela história, que produziu relações assimétricas no contexto do trabalho escravo. Estas relações se perpetuaram com o tempo e, apesar da libertação da escravidão ter sido conquistada há muito tempo, as determinações culturais ainda continuam a prevalecer em nosso ambiente social. As mulheres, em grande parte, são agredidas em seu pró-

5. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Fraternidade e Superação da Violência (Texto-base)*, 2017, n. 83.

6. Afirma o texto base da Campanha da Fraternidade: "No caso da violência contra as mulheres, repete-se aqui a mesma tendência nacional: as regras em maior número estão entre as vítimas de violência. Além disso, enquanto as taxas de homicídio de mulheres brancas tendem a cair, as mesmas taxas que avaliam assassinatos de negras crescem. Comparando-se os números de uma década, entre os anos 2003 e 2013, percebe-se uma redução de 9,8% de homicídios de mulheres brancas. No mesmo período, aumentaram em 54, 2% os assassinatos de mulheres negras". *Idem*, n. 84.

prio lar e, por seus próprios parceiros. Trata-se, normalmente, de uma relação de agressão física e psicológica relacionada a questões afetivas, de controle, de posse e de ciúmes mal resolvidos⁷. Estão inseridas no quadro de um país em permanente crise afetiva e emocional.

O Brasil vive uma instabilidade emocional agressiva que tem deixado as pessoas perdidas e atônitas, e estas não sabem o que fazer diante das realidades sociais que atingem o âmago do seu ser. Cenários de ciúmes, descontrole emocional, agressões físicas e psicológicas tem sido comum em nosso cotidiano. A vida cotidiana, os jornais, noticiários de televisão, enredo das delegacias de polícia, retratam esses sentimentos de forma elementar.

O texto base da *Campanha da Fraternidade de 2018* continua mostrando que a violência doméstica é muito grande no Brasil. Trata-se de uma violência que envolve sentimentos afetivos de domínio, posse e controle. Esta violência configura-se em situações psicológicas de dependência cultural, econômica, política ou mesmo religiosa. Afirmo o texto:

A violência contra a mulher ocorre, principalmente, dentro de casa. 71,8% das agressões registradas pelo SUS em 2011 aconteceram no domicílio da vítima. Frequentemente, o agressor é o parceiro ou ex-parceiro da vítima (43,3%). Quando se consideram apenas as mulheres na faixa de 30 a 39 anos de idade que sofreram violência, em 70,6% dos casos o parceiro ou ex-parceiro é o agressor. Pais (19,8%), irmãos ou filhos (7,5%) respondem pelo restante dos casos. Considerando a idade, constata-se que os casos de violência são muito mais frequentes contra mulheres jovens. Representam o dobro de situações de violência contra mulheres em outras faixas etárias⁸.

7. Afirmo o texto base da *Campanha da Fraternidade*: “Ao contrário do que acontece com os homicídios masculinos, destaca-se o domicílio da vítima como um local de agressão. Em 2013, das mulheres assassinadas, 27,1% estavam em casa. Os assassinatos de homens (48,2%) acontecem, sobretudo, na rua. Esse dado é utilizado para caracterizar a violência direta contra a mulher como um fenômeno muito ligado ao ambiente doméstico”. *Idem*, n. 85.

8. *Idem*, n. 88.

A violência doméstica destrói a autoestima, estimulando um comportamento depressivo que envolve o desânimo e a tristeza. Muitas mulheres procuram atendimento nos prontos socorros mais perto de suas casas. Quase sempre são relatos tristes de espancamentos e ofensas psicológicas⁹. A violência aumenta a sua brutalidade quando envolve situações de estupro, pois a vítima é agredida de forma banalizada, sendo tratada como um objeto qualquer na mão de uma pessoa que não sabe o que é o respeito e a dignidade humana. O número de estupros no Brasil e no mundo tem aumentado. A Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo revela que o número de estupros nas cidades que englobam a Região Metropolitana de Campinas (RMC) cresceu 8,6% entre os anos de 2017 e 2018, saltando de 631 agressões para 690 casos¹⁰. Além das situações de estupro, que fere profundamente a dignidade pessoal das mulheres, encontramos um aumento contínuo do feminicídio, ou seja, quando a mulher é morta por parceiros ou ex-parceiros que não aceitam as condições de “separação” que as mulheres colocam.

A jornalista Leila de Oliveira, em um artigo no jornal *Correio Popular de Campinas*, comenta a informação de que o feminicídio em Campinas é maior do que a média da região da seguinte forma:

O resultado da pesquisa situa campinas numa vexaminosa posição (feminicídio em Campinas a maior do que a média estadual – *Correio* 3/8/19). O índice que aponta que mais de 80% das vítimas de feminicídio deixam um

9. Afirma o texto base da *Campanha da Fraternidade*: “O mapa da violência registra que, no ano de 2014, diariamente, 405 mulheres demandaram atendimento médico em unidades de saúde por terem sofrido algum tipo de violência doméstica, sexual ou outras formas de agressão. A cada três vítimas de violência, duas eram mulheres. Quando se consideram as formas de violência não letal, os números são diversos, mas se mantém a mesma realidade que faz do lar um lugar preponderante para as agressões contra as mulheres”. *Idem*, n. 86.
10. Leila de OLIVEIRA, “Estupros crescem 8,6% na RMC”, in JORNAL CORREIO POPULAR (*online*), Campinas, 1º de fevereiro de 2019, p. A7, disponível em: <<http://correiopopular.html5v3.fivepress.com.br/edicao/impressa/27183/01-02-2019.html>>, acesso em: 07 de agosto de 2019.

ou mais filhos, por exemplo, mostra que o problema da violência doméstica não pertence ao território da privacidade; é de toda a sociedade. Os preconceitos que cercam o feminismo, cujo foco é a afirmação da autonomia feminina, tem conexão com os diversos tipos de violência sofridos por mulheres¹¹.

De forma programada e historicamente situada, a cultura patriarcal de cunho machista tenta colocar a culpabilidade dessas situações no próprio comportamento das mulheres, quando utilizam roupas curtas ou insinuações mal interpretadas. Trata-se de um comportamento preconceituoso que envolve acusações machistas e depredatórias¹². O predomínio do comportamento superior do homem de forma violenta e agressiva revela que as relações de gênero devem ser aprofundadas e melhor desenvolvidas. A Teologia Moral não se omite na tarefa de discussão e de educação no interior das comunidades, escolas e famílias sobre as questões de gênero que estão embasadas na violência do homem sobre a mulher¹³.

Na verdade, a violência cultural historicamente caracteriza-se pela dominação, controle e posse produziu uma educação desigual que foi interiorizada nas próprias mulheres que sem saber, ou sabendo, contribuem de forma decisiva para a disseminação desse tipo de comportamento. Uma violência que convive com o cotidiano das pessoas, pois apesar do sofrimento pouco se tem feito para sanar tanta adversidade. Trata-se, ainda, de uma violência

11. _____, "Feminicídio em Campinas a maior do que a média estadual", in JORNAL CORREIO POPULAR (*online*), Campinas, 3 de agosto de 2019, p. A3, disponível em: <<http://correiopopular.html5v3.fivepress.com.br/edicao/impressa/28137/03-08-2019.html>>, acesso em: 07 de agosto de 2019.
12. Afirma, ainda, o texto base da *Campanha da Fraternidade*: "Uma pesquisa realizada pelo fórum Brasileiro de Segurança pública mostrou que, em 2015, o país registrou 45.460 casos de estupro. Porém, o levantamento estima que devem ter ocorrido entre 129, 9 mil e 454,6 mil estupros no Brasil em 2015". CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, *Fraternidade e Superação da Violência (Texto-base)*, 2017, n. 87.
13. Para aprofundar esse tema: Cf. VIDAL, M. *Feminismo y ética: Como "feminizar" la moral*. Madri: PPC, 2000.

que afeta o corpo em sua singularidade emocional e afetiva. Na verdade, são relações afetivas que se caracterizam pelos “ciúmes”, incluindo o conceito de posse do corpo em sua materialidade expressiva. Para o filósofo Marzano-Parizoli:

Falar do corpo como lugar de moralidade em que desejos, emoções e sensações nascem e se manifestam significa reconhecer a existência de um corpo natural e real cujas emoções e sensações são também naturais e reais. As consequências que podemos tirar deste fato podem ser diversas, como não-lo mostra a clivagem entre um naturalismo ético humano e um naturalismo normativo tomista, mas trata-se sempre de explicar a dimensão natural do fenômeno corpo¹⁴.

As situações emocionais e afetivas presentes na sociedade brasileira tem produzido uma sociedade em crise constante. As pessoas, homens/mulheres, não estão sabendo lidar com suas emoções e com seus sentimentos, associando-se a isso, situações econômicas e políticas que invadem o ser em sua vida emocional e afetiva. O corpo, enquanto entidade total que caracteriza o ser em sua ontologia básica, está em crise afetando todos os relacionamentos humanos.

Dessa forma, podemos afirmar que a violência contra as mulheres se insere num quadro maior de violências contra o planeta terra e contra todo ser vivo. Trata-se de um comportamento global de destruição de tudo o que se encontra pela frente. Uma forma de ser que não valoriza o criado e que destrói a natureza em função do lucro selvagem e abusivo, tornando as pessoas descartáveis, “resíduos”, “sobras”¹⁵. A Teologia Moral tem contribuído de forma

14. M. M. MARZANO-PARISOLI, *Pensar o Corpo*, 2004, p. 18.

15. O papa FRANCISCO, em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 53, afirma: “o ser humano é considerado, em si mesmo, um bem de consumo que se pode usar e depois jogar fora. Assim teve início a cultura do ‘descartável’, que, aliás, chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder não está nela, mas fora. Os excluídos não são ‘explorados’, mas resíduos, ‘sobras’”.

decisiva uma vez que a ética teológica ensina que as novas práticas de vida devem ser construídas no cotidiano da existência por meio de agentes morais e instituições morais qualificadas. Na verdade, a ética teológica precisa ir além das questões meramente burocrática de valores, é preciso atingir a alma e a psique das pessoas.

2. Violência: o lócus global

A mulher é por Deus muito amada. Desde a criação, ela surge com responsabilidade decisiva na condução da história da humanidade. Parte integrante da criação e das relações humanas, ela é colocada no mundo como protagonista de ações importantes. Devemos destacar nossas mães na fé, tais como Agar e Rebeca, Raquel, Lia, Ester, Ana e muitas outras. No tempo de Jesus não podemos esquecer-nos das mulheres que o acompanhavam e o apoiaram, tais como Maria, Marta e Susana. E ainda, as mulheres que lideram a Igreja primitiva, como Júnia e Lídia, que foram importantes coordenadoras de comunidades. Entretanto, as relações entre homens e mulheres sempre obedeceram as regras da cultura imposta. Diferenças culturais conservaram um histórico de desigualdade a partir das diferenças biológicas e comportamentais de gênero. A teologia moral aborda essas questões, de forma autônoma e livre, procurando compreender os aspectos históricos e culturais que permeiam as relações entre os seres¹⁶.

Para Leonardo Boff e Rose Muraro, a violência contra a mulher está inserida num quadro maior de violência contra todo ser vivo. Trata-se de práticas de destruição que destrói as florestas, matam os rios, poluem as cidades, controlam as terras, comunidades e pessoas. O lucro maior, o interesse predatório tem sido incentivado pela cultura capitalista e con-

16. Para aprofundar o conhecimento sobre esta realidade pode-se consultar: Cf. ZACHARIAS, R.; CANOSA, A. C.; KOEHLER, S. M. F. *Sexualidades e Violências*. São Paulo: Ideias e Letras, 2019.

sumista que se instalou no coração do mundo¹⁷. Os citados afirmam:

A humanidade está passando inegavelmente por uma crise que atinge os fundamentos da sua subsistência na terra. Em tais momentos sentimo-nos urgidos a somar forças e a identificar fontes de inspiração que nos possam salvar. Uma destas fontes é, sem dúvida, a questão de gênero, que deve ser revisitada com renovado interesse¹⁸.

Deus em sua bondade criou ambos os gêneros e infundiu neles uma diversidade e uma igualdade que os faz diferentes, mas não inferiores ou superiores. A mulher é em tudo igual ao homem em sua dignidade, valor e simplicidade. Além de constatar as diferenças de comportamento, é fundamental compreender o seu processo de construção. Só é possível desconstruir um determinado comportamento se soubermos, efetivamente, como foi construído ao longo do tempo e das circunstâncias culturais¹⁹. Leonardo Boff e Rose Marie Muraro constataam a conexão entre as situações de opressão contra a mulher com as mesmas determinações que geram a depredação da terra e do planeta. Assim afirmam:

-
17. O papa FRANCISCO, em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 52 afirma: “Todavia, não podemos esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive seu dia a dia precariamente, com funestas consequências. Aumentam algumas doenças. O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente”.
 18. R. M. MURARO; L. BOFF, *Feminino e masculino - Uma nova consciência para o encontro das diferenças*, 2010, p. 15.
 19. Para os autores: “Não basta constatar as diferenças. É imprescindível considerar como elas foram construídas social e culturalmente. Em particular, como se estabeleceram as relações de dominação entre os sexos e os conflitos que suscitam; a forma como se elaboraram os distintos papéis, as expectativas, a divisão social e sexual do trabalho; como foram projetadas as subjetividades pessoais e coletivas. Como podemos ver, o conceito gênero compreende questões que vão além do feminino/masculino e do sexo biológicos, tomados em si”. *Idem*, p. 15-16.

O ‘destino manifesto’ do patriarcado já há quatro mil anos foi sempre este: buscam o *dominium mundi*, assenhorar-se dos segredos da natureza para submetê-los aos interesses humanos e fazer-se ‘mestre e possuidor de todas as coisas’ (Descartes). Nos últimos cinquenta anos, munido de imenso aparato tecnocientífico, o homem, mais que a mulher, levou até as últimas consequências este seu propósito. Isto gerou um impasse fundamental para o próprio futuro e para a vida do nosso planeta. Devastou a terra, explorou até o limite da exaustão quase todos os recursos dos ecossistemas, ameaçou de extinção milhares de espécies de vida, degradou a qualidade global da vida, mercantilizou praticamente todas as relações sociais e naturais, e, culminando, construiu o perigoso princípio de autodestruição²⁰.

No auge desta prática de destruição é necessário colocar a fragmentação das relações afetivas na forma de violência. Os casos de estupro, por exemplo, envolvendo inclusive jogadores de futebol, artistas, políticos e tantos outros ganham peso na sociedade brasileira. A violência contra a terra e todo ser vivo se projeta de modo especial na violência contra a mulher ferindo a sua dignidade primeira²¹. Para Leonardo Boff e Rose Muraro é preciso encontrar estratégias de ação social que combatam essa forma de comportamento. A teologia moral, com seus agentes morais e instituições, deve estar inserida nesse ambiente para contribuir o máximo possível com suas estratégias de educação e prevenção²².

20. *Idem*, p. 17-18.

21. Mais ainda, afirmam: “Pela primeira vez na sua história projetou os meios eficazes que podem pôr fim a aventura da espécie *Homo Sapiens* e *demens* sobre a terra e ferir profundamente toda a biosfera, ressuscitando os mitos da destruição da espécie”. *Ibidem*.

22. Continuam os autores: “Em face dessa dramática situação, é urgente elaborarmos estratégias de salvamento, pois o tempo corre contra nós. Importa implementarmos alternativas que partam do resgate do feminino no homem e na mulher, e, que, simultaneamente, incorporem as conquistas do patriarcado que beneficiam toda a humanidade”. *Ibidem*.

Afirma, ainda, Leonardo Boff e Rose Muraro:

Urge resgatarmos o melhor de ambas as tradições, a do matriarcado e a do patriarcado, seja como instituições históricas e culturais, seja como arquétipos e valores. Importa inseri-las num novo paradigma no qual os princípios masculino e feminino, os homens e as mulheres juntos, inaugurem uma nova aliança de valorização da alteridade, apreço da reciprocidade e da potenciação das convergências em vista da salvaguarda da integridade do criado e da garantia de um futuro esperançoso para a humanidade e para o planeta terra²³.

Nesse contexto, as relações de reciprocidade entre homens e mulheres, respeitando suas diversidades e singularidades, são uma necessidade urgente. A devastação da natureza e de todo criado prejudica as relações afetivas, porque em nosso tempo o ser humano encontra-se perdido, com sua base ontológica profundamente fragmentada. Nesse cenário, a violência contra a mulher é parte intrínseca da violência contra o planeta terra em sua forma mais cabal de subsistência. Entretanto, é possível modificar essa forma de comportamento moral, por meio das atitudes comprometedoras de punição na aplicação correta e rigorosa das leis, da educação para a prevenção e da fé que sustenta as ações morais em questão.

3. Antiviolaência: punição, educação e prevenção

Em nosso cotidiano pastoral podemos desenvolver ações positivas que objetivam promover o diálogo e o respeito entre homens, mulheres e todos os seres vivos. Trata-se da aplicação de uma ética proposta pelo Concílio Vaticano II, de promover a dignidade humana em todas as situações da vida. No âmbito da prática pastoral, é possível estimular ações de cidadania que envolvam punição sob o rigor da lei, educação e prevenção à violência.

23. *Ibidem*.

As leis existem e é preciso aplicá-las em favor das mulheres quando estas são significativamente agredidas em sua dignidade. Sobretudo, a *Lei Maria da Penha* - Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 - não pode ser esquecida, mas aplicada de modo regular e rigoroso. A prática das leis exige uma sociedade civil organizada que sabe aplicar as leis a seu favor. No caso das mulheres, é preciso romper a cultura do silêncio e do medo.

Também são importantes iniciativas como a do governo do Estado de São Paulo, que acaba de criar um *site* chamado “SOS Mulher”, com o objetivo de disseminar informações sobre segurança, saúde e independência financeira para mulheres em situações de vulnerabilidade que sofrem agressões de ordem física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. A lei está em pleno funcionamento com o objetivo de coibir e de punir situações de violência. O ambiente doméstico tem sido alvo de análises, pois é ali que ocorre a maioria dos casos.

A *Lei Maria da Penha* atua para proteger as vítimas do agressor e interromper o processo conhecido como escalada de violência - na qual a intensidade das agressões aumenta ao longo do tempo. Com a medida, é possível, por exemplo, exigir que o agressor mantenha uma distância mínima da mulher e dos filhos, além de outros meios de proteção. Em 2018, foram abertos 367 mil novos inquéritos de violência contra mulheres, o que em quase todos, os casos resultam em uma medida protetiva. Apesar disso, havia ainda, no ano passado, 359 mil inquéritos pendentes - número que vem caindo, já que em 2016 eram 412 mil²⁴. É preciso incentivar movimentos sociais nos quais estejam incluídas as mulheres, tais como: marcha das mulheres indígenas, marcha das Margaridas e tantas outras manifestações de cunho reivindicativo, cultural ou mesmo político-partidário. As manifestações sociais são instrumentos poderosos de educação e prevenção à violência.

24. Carlos MADEIRO, “A cada 2 min, uma mulher recebe proteção contra violência doméstica no país”, in *UOL – Universa (online)*, 07 de agosto de 2019, disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/08/07/maria-da-penha-dois-minutos-medida-protetiva-mulheres-violencia-domestica.htm?cmpid=>>, acesso em: 07 de agosto de 2019.

As ações educativas devem ocorrer, ainda, no âmbito da cultura, da família, das escolas associadas a uma prática de educação da igualdade e do respeito à diversidade e às singularidades entre os gêneros. Desse modo, é preciso combater a ignorância, a pobreza e a formação cultural que prioriza o comportamento machista em nosso país. A violência tem se configurando como um somatório de confluências entre a ordem cultural, econômica, política e religiosa.

Todos os setores estão envolvidos na produção de comportamentos agressivos e violentos. É preciso considerar ainda, de forma superior, a instabilidade afetiva e emocional que existe no mundo. As pessoas estão mais vulneráveis, situações de ciúmes, controle do sentimento, ausência de um controle emocional estão caracterizando a prática de vida de muitas pessoas. Muitas situações de violência têm como base reações psicológicas de descontrole emocional.

A Teologia Moral pode e deve ser inserida no contexto da prevenção e da sua consequente educação nos ambientes que são próprios, como as comunidades e as faculdades de Teologia e de Ciências da Religião que preparam os futuros presbíteros. Trata-se de uma tarefa muito urgente e necessária. Os agentes de pastorais e educadores de toda sorte, devem e podem, evidentemente, contribuir com a educação no sentido de promover ações de respeito às diferenças e igualdades de direitos entre homens e mulheres em seus respectivos locais de trabalho, família, vida. Talvez a própria mulher precise rever seus comportamentos uma vez que ela é a primeira educadora da família. É preciso tomar cuidado com as influências das mídias em nossos ambientes sociais. Uma formação que leve em conta a criticidade do ambiente social deve ser colocada como prioritária.

Associada à educação está a prevenção enquanto atitude e/ou comportamento que regula os relacionamentos sociais e que tem como meta a construção de um novo paradigma cultural, baseado no cuidado, nas relações paritárias e na equidade emocional. As práticas de prevenção precisam estar difundidas no cuidado econômico, nas relações políticas, mas, sobretudo, atualmente na gestão emocional. Situações de descontrole emo-

cional (ciúmes, inveja, sentimentos de posse etc.) têm gerado situações de conflito inclusive de feminicídio, em nosso país e no mundo. Para isso, é preciso prevenção, cuidando das pessoas com carinho. A educação afetiva, que orienta para a prevenção do descontrole emocional, pode ser a chave para se evitar muitas situações de violência contra qualquer ser vivo, especialmente as mulheres.

Conclusão

Atualmente, a sociedade civil vive uma crise afetiva profunda que mexe com o emocional, gerando situações de ciúmes, controle e posse, que acaba em violência moral, psicológica ou mesmo física (morte), entre as partes. A violência contra a mulher é política, econômica, étnica, histórica e profundamente enraizada na cultura brasileira. Trata-se de uma violência que abrange todos os aspectos da vida humana. O corpo em sua materialidade física sofre seus danos de forma agressiva. Entretanto, é possível estabelecer práticas que combatam essas formas de viver e produzir uma contracultura que normatize as relações entre homens e mulheres, gerando uma cultura do cuidado, do respeito e da convivência harmoniosa entre todos os seres que habitam a terra. A ética teológica não pode se omitir, mas deve se envolver com as questões em relevância social e oferecer a sua contribuição positiva no campo da educação e da prevenção²⁵.

25 Afirma Antônio Moser: “As muitas interpelações surgidas pelos avanços contínuos das muitas ciências e das muitas tecnologias não se constituem barreira intransponível para a teologia. Até pelo contrário: ela só encontra seu verdadeiro rosto quando deixa a acomodação para continuamente vislumbrar novos horizontes. É pelo fascínio do que aparece como novo que a Teologia consegue desvelar sempre novos caminhos de realização para as pessoas e sociedades”. A. MOSER, *Teologia Moral: a busca dos fundamentos e princípios para uma vida feliz*, 2014, p. 33.

Referências

- ARONOVICH AGUERO, Dolores. “Pra você que correu pra linha do pênalti pra inocentar neymar de estupro”. In *BLOG Escreva Lola Escreva* (online), segunda-feira, 3 de junho de 2019. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2019/06/pra-voce-que-correu-pra-linha-do.html>>. Acesso em: 07 de agosto de 2019.
- BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 - Lei Maria da Penha (online). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 07 de agosto de 2019.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Fraternidade e Superação da Violência (Texto-base)*. Brasília: Edições CNBB, 2017.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.
- MADEIRO, Carlos. “A cada 2 min, uma mulher recebe proteção contra violência doméstica no país”. In *UOL – Universo* (online), 07 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/08/07/maria-da-penha-dois-minutos-medida-protetiva-mulheres-violencia-domestica.htm?cmpid=>>. Acesso em: 07 de agosto de 2019.
- MARZANO-PARISOLI, M. M. *Pensar o Corpo*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MOSER, A. *Teologia Moral: a busca dos fundamentos e princípios para uma vida feliz*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MUNICÍPIO DE TABOÃO DA SERRA. LEI Nº 2273/2017 - Dispõe sobre a obrigatoriedade de afixação, no âmbito do, de avisos com o número do Disque Denúncia da Violência Contra a Mulher Disque 180 (online). Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sp/t/taboao-da-serra/lei-ordinaria/2017/227/2273/lei-ordinaria-n-2273-2017-dispoe-sobre-a-obrigatoriedade-de-afixacao-no-ambito-do-municipio-de-taboao-da-serra-de-avisos-com-o-numero-do-disque-denuncia-da-violencia-contra-a-mulher-disque-180>>. Acesso em: 07 de agosto de 2019.
- MURARO, R. M.; BOFF, L. *Feminino e masculino - Uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- OLIVEIRA, Leila de. In *JORNAL CORREIO POPULAR* (online), Campinas, 1º de fevereiro de 2019, p. A7. Disponível em: <<http://correiopopular.html5v3.fivepress.com.br/edicao/imprensa/27183/01-02-2019.html>>. Acesso em: 07 de agosto de 2019.

- _____. “Feminicídio em Campinas a maior do que a média estadual”. In JORNAL CORREIO POPULAR (*online*), Campinas, 3 de agosto de 2019, p. A3. Disponível em: <<http://correiopopular.html5v3.fivepress.com.br/edicao/imprensa/28137/03-08-2019.html>>. Acesso em: 07 de agosto de 2019.
- ZACHARIAS, R.; CANOSA, A.C.; KOEHLER, S.M.F. *Sexualidades e Violências*. São Paulo: Ideias e Letras, 2019.
- VIDAL, M. *Feminismo y ética - Como “feminizar” la moral*. Madri: PPC, 1984.